

EDITORIAL

O (IN)CONSCIENTE HUMANO

Ah, os porões, os conveses profundos, insondáveis - inexplicáveis covis do inconsciente humano! O que não sai, o que não se extrai dos cacifos, das soturnas cisternas mentais, tão logo busca-se conhece-los ou deles extravasam os mais incomuns conteúdos?!

Pessoas aparentemente normais, membros de respeitáveis famílias, detentores de honráveis títulos e que, sob o impacto de uma dose a mais de birita, quem sabe de uma droga, uma drágea de alucinógenos, uma reles contrariedade, eis a incontrolada irritabilidade, um surto que se irrompe. "Coup de theatre", dizem os franceses, quando, tal qual numa peça de teatro, uma situação se modifica súbita e imprevisivelmente. Revelam-se, recatos rompidos, convenções sociais mandadas às favas, em sua mesquinhez, melancolia, mágoas, pusilanimidade explícita, por vezes na mais afluída, atávica selvageria. Não só individualidades, mas igualmente quando em bandos, em verdadeiras alcateias. Observemos os espetáculos coletivos – jogos de futebol, carnaval, passeatas – onde explodem violências inomináveis, o despudor acintoso, cenas da mais extravagante animalidade.

O escritor Rubem Braga, em uma de suas sempre inigualáveis crônicas, comenta que a mesa de bar, qual o divã do psicanalista, são sempre confessionários inesperados. "A moça que, no começo da conversa, tinha tido apenas um namorado e de namoro leve, conta pelos meados do terceiro

drinque, detalhes bastante íntimos de seu último caso".

O que não ocultamos sob a superfície navegável de nossa alma, nossa psique – desencantos, desencontros, paranoias, excentricidades, fracassos, ideais, taras, indefiníveis instintos!

Sereias sinuosas, insinuantes que se tornam serpentes, tão logo desencantadas, desentocadas de suas profundezas, de suas enganosas belezas – frágeis fios e nós da contemplação, do imaginário, da (in)verossímil "normalidade". Guerreiros, príncipes, com suas armaduras, nobiliarquia, pompas, rendilhados, fraseados e cujas lâminas das espadas e fachadas são meras dissimulações, viseiras a ocultarem personalidades instáveis, eivadas das mesmas debilidades humanas.

Árduo trabalho para terapeutas, mestres, religiosos, gurus! Abismos, fossos a serem transpostos, imiscuídos, saneados, reconciliados, em seculares processos. Segredos de noites imemorais, mistérios de tempos e de remotas rotas, densos enredos velados sob os quefazeres da rotina diária – deslembados ante a placidez majestática dos ritualismos sociais, das grifes, dos suntuosos rótulos.

Serenos, aparentes cenários vulcânicos, montanhas adormecidas, em que, a qualquer instante e ímpeto, a cratera se abre, o magma recalcitrante, inflamável, selvagem torna à tona...E aí! de quem estiver pelas proximidades...

AO PÉ DA FOGUEIRA

"O CAVALO 'TINGONGUINHO'"

Jacinto Doido é, sem dúvida, um dos tipos populares mais conhecidos e mencionados pela oralidade local. Inúmeros "causos", a maioria bizarros, envolvem-lhe a autoria. Deslocava-se assiduamente, a pé, a cavalo ou em caminhões leiteiros por toda a região: São Tiago, Morro do Ferro, Resende Costa, Passa Tempo, Carmópolis. Bem entendido, isso quando ele não estava confinado no Hospício em Barbacena, para onde fora conduzido várias vezes – e de lá fugira espetacularmente.

Um verdadeiro bicho papão, um ogro moderno. Crianças malcriadas, pirrentas, era só dizer: - Envém o Jacinto! E num instante, por milagre, o choro acabava, um visível temor assomava-lhes os rostos, agarravam-se às saias das mães ou ocultavam-se sob as camas...

Sitiante no Ouro Fino, era proprietário de um cavalo bastante maltratado, de cor parda, que a sujeira e o desleixo tornavam-na ainda mais indefinida, por ele denominado "Tingonguinho". Perguntado sobre a cor do animal, Jacinto explicava, atabalhoadamente:

- Meio preto, "macacado", quase ruço...

Era visto frequentemente pelas estradas, puxando, por vezes, o cavalo pelo cabresto, o que intrigava a todos. Jacinto, imprevisível e estapafúrdio, justificava a atitude:



ILUSTRAÇÃO INTERNET

- Só "munto" nele se tiver "pricisão", num "havê" tardança... Aí galopo, a todo vento, prá chegar cedo...Se num "preciso", puxo pela brida, que ele também é ser descansante...

Fonte: Sr. Sebastião Resende (Tião do Satirico)

Notas: Fomos informados de que Jacinto era repentista, elaborando versos estrofares sobre assuntos do cotidiano, alguns deles até com tiradas filosóficas...

Certo morador de nosso meio, que conheceu e conviveu com Jacinto, definiu-o como alguém de "índole arruá", justificando: "Jacinto, chegando às fazendas, não encontrando adultos ou resistência por parte dos moradores, prendia e espancava bezerros, porcos nas cevas, esbordoava cães... Os pobres animais pagavam o pato"

O dicionário "Aurélio", assim define o termo "arruá": "espantadiço, assustadiço; indomável, selvagem, bravo; mau, perverso"

Sobre essa curiosa personagem, ver matéria em nosso boletim nº LXXIII, Outubro/2013

ADIVINHAS

- 1- Alto, alto como um pinheiro e pesa menos que um sobreiro.
- 2- Na porta está e não quer entrar.
- 3- Duas companheiras, vão a compasso, com os pés à frente e os olhos atrás.
- 4- Cem damas num caminho e não fazem pó nem redemoinho.
- 5- Doze senhoras num mirante, todas têm meia e sapatos não.

Respostas: 1 - a fumaça; 2 - o tapete; 3 - a tesoura; 4 - as formigas; 5 - as horas

Provérbios e Adágios

- Pelo andadura da besta conhece-se o cavaleiro.
- Pelo fio tirarás o novelo e pelo passado o que está para vir.
- Quem não sabe sorrir, não deve abrir uma loja.
- Por falta de um cravo, perde-se a ferradura.
- Por fora, cordas de bela viola: por dentro, pão bolorento.
- Quem vos prometer mares e areias, não o creias.
- Mulher que não limpa a casa, marido cria asa.
- Promessa de beijar na janela, não enche a goela.

Para refletir:

- Se pensas que podes o que não podes, sempre estarás com a razão (*Henry Ford*)
- É preciso ser leve como o pássaro, não como a pluma (*Paul Valéry*)
- A vida do ser humano tem dois grandes objetivos: evoluir em direção à perfeição e tornar-se um verdadeiro servidor da humanidade (*Gonzalez Pecotche*)
- As horas belas são as dos outros ou as que não há (*Fernando Pessoa*)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



O BURRO “FIDALGO”

Quanto à matéria publicada em nosso boletim nº LXXIX, Abril/2014, o Dr. Messias Pinto lembrou-nos um outro fato de infância. O Sr. Hedy Damasceno, boiadeiro, natural da Zona da Mata (viria ele a casar-se em São Tiago com a Sr.^a Shirley Castro), viajou, durante anos, por nossa região, aí pela década de 1960, realizando negócios (compra) de gado. Quando vinha para comprar, viajava usualmente a bordo de um Ford. Após adquirido o gado e contratado com o fazendeiro a época da partida, Hedy e comitiva conduziam o rebanho a cavalo.

O veículo, certa vez, deixou-o na mão, nas proximidades da Fazenda de papai. Tinha o Sr. Hedy compromissos inadiáveis em Juiz de Fora, necessitando viajar com toda a urgência. Tempos em que não havia telefone e o jipe Willys da fazenda estava em viagem.

Papai disse-lhe: - A saída aqui é você ir até São Tiago a cavalo. Lá você toma o ônibus. Empréstimo-lhe o burro “Fidalgo”, que é um animal resistente, ágil, destemido, de total docilidade.

- Mas como faço para retornar o animal?

Papai deu uma risada, algo incomum, nele e informou ao boiadeiro:

- Nada mais fácil. Nenhum problema. Chegando a São Tiago, você deixe a arreata com o Sr. Nhozinho da Aguada e ali mesmo na rua, você pode soltar o animal. Em pouco tempo, ele estará aqui na fazenda.

Não deu outra. Hedy, por precaução, liberou o animal próximo ao Campo do Tupinambás e umas duas horas após, vencidas as duas léguas e meia de distância, o burro relinchava, garboso, festeiro na porteira do curral da Fazenda. E, naqueles tempos, não havia estrada “embecada”, rodovia, ainda que de terra, como hoje. O animal tinha que abrir, por conta própria, porteiras, ainda que ao contrário, e até mesmo atravessar mata-burros...

(Messias relembrou ainda o caso da mula de nome “Saudade”, vendida por papai para um boiadeiro de São João del Rei e o animal, passados meses, retornou à fazenda, fugindo de uma propriedade para os lados ou divisas entre Tiradentes e Prados).

Conta-se que o Sr. João Lara vendera, certa época, uma mula para o Estado do Rio de Janeiro e passados seis, sete meses, a besta ressurgiu no curral de sua Fazenda no Monte Pio. Temos na oralidade são-tiaguense, o pitoresco caso da mula “Ludovina”, pertencente ao Sr. Francisco Caputo (“Chico Manco”) que, vendida várias vezes, nos “sertões”, retornava sempre ao seu dono. Ver matéria a respeito em nosso boletim nº XX Maio/2009.

FOTO MONTAGEM



Curiosidade

Você sabia que, tomate, jiló e pepino são frutas e não legumes.

Fonte: dicionário
(Apoio: Tiago Santiago)

Patrocínio:



Apoio Cultural:



Infraestrutura Turística local Uma preocupação

São Tiago, ao sediar vários eventos culturais e esportivos (Festivais de carros de bois, cavalgadas, concursos de marcha equina, café com biscoito, etc.) e mais recentemente encontros de motos, campeonatos de jiu-jitsu, robótica - que ocorrem, via de regra, aos finais de semana - não se acha efetivamente preparada em termos de infraestrutura turística, observando-se reclamações quanto ao atendimento precário, em particular, na área de alimentação. Algumas dessas programações, ao que parece, não são devidamente divulgadas ou, se o são, não chegam ao conhecimento prévio dos Srs. Empresários, que são pegos desprevenidos, como restaurantes, lanchonetes, fornecedores de bebidas, etc.

Os estabelecimentos ora existentes, por razões diversas, não conseguem suprir a demanda de turistas e participantes dos eventos, gerando fundadas queixas, constrangimentos, xingamentos e prejuízos sensíveis à imagem da cidade junto a visitantes e opinião pública em geral. Temos que entender, queiramos ou não, que a vocação de nossa região é de ordem turística, embasada secularmente em nossas tradições, raízes culturais (culinária, artesanato, folclore, agroindústria caseira, etc.), ao lado da peculiar hospitalidade e assim devem ser valorizadas e trabalhadas por toda a comunidade. Para piorar a situação, recentemente, trailers e mesmo o forno, sítios em áreas públicas, viram-se desativados ou tiveram as suas atividades negociais e mesmo culturais reduzidas, com a conseqüente restrição no atendimento a consumidores locais e/ou visitantes, mormente à noite, feriados, etc. E mais queixas...E estranhezas...

É urgente o estímulo aos Srs empresários locais no tocante à ampliação das instalações existentes ou mesmo a participação de novos empreendedores. Ouvimos de um empresário local que uma das causas do problema é a carência de mão de obra aos finais de semana. Ledo engano, assim pensamos. Questão de gestão, planejamento, qualificação de pessoal, remuneração, determinação.

Se assim fosse, pousadas, restaurantes, buffets, etc. das cidades próximas e do porte da nossa como Tiradentes, Resende Costa, não estariam abertos, com clientela farta, ambientes lotados, como podemos observar, a olhos vistos, nesses estabelecimentos. Apenas a título de exemplo; quem vai à vizinha Resende Costa, aos finais de semana e feriados, encontrará a Churrascaria Ramona aberta, espaço lotado de clientes, garçons e balconistas a postos, estacionamento com carros das mais variadas cidades do Estado. Investimento rentável, até aqui. Aliás, estamos ficando para trás. O evento "Brasil Sabor" incluiu em sua última edição, restaurantes de São João del Rei, Tiradentes e Ritápolis como referência nacional e internacional em função de seus pratos típicos, com resgate dos sabores típicos da cozinha mineira.

Nossos empresários, tão exímios na arte de erguer prédios, movimentar dezenas de bem sucedidas indústrias de biscoitos, decerto, se sairão bem sucedidos, investindo na área de serviços e atendimento alimentar (restaurantes, cafeterias, áreas de lazer, pousadas e ecoturismo, etc.). Lembrarmos, ademais, que os setores de alimentação, lazer e turismo hoje são praticamente unificados, abrindo-se oportunidades de agregação/conjugação de negócios. E sejamos francos: se não houver interesse ou iniciativa empresarial (pois capital, mão de obra existem), que sejam estimulados novos empreendedores locais ou de fora. E que a Municipalidade, ao lado de entidades classistas como ACIST, ASSABISCOITO, SEBRAE e outras, desenvolvam projetos de conscientização e incentivo empresarial, preparando igualmente a comunidade para a importância do turismo, iniciando-se pelas escolas, (noções da história e memória local, como recepcionar o turista, preservação ambiental, etc.) sob pena de jogar pelo ralo, excepcionais oportunidades de consolidação e expansão da economia municipal. Pés e mãos trabalhando o presente e o olhar direcionado ao futuro!!!

Instituto Histórico e Geográfico é fundado em Ritápolis

No dia 27 de outubro, às 10 horas da manhã no Cine Teatro Pio XII, com a presença de autoridades de Ritápolis, membros do Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes e São Tiago e de pessoas ligadas à cultura e história, realizou-se a Assembleia Geral que culminou na criação, instalação, eleição e posse da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Ritápolis (IHGR).

Os Institutos Históricos e Geográficos são entidades culturais e científicas não governamentais destinadas ao estudo, à pesquisa e à divulgação de diversas áreas

do saber humano, especialmente a história e a geografia. Podendo haver também exposição de objetos antigos, apresentações musicais, teatrais, literárias, mesas-redondas, oficinas, cursos, palestras com temas voltados para a história local e regional, preservação do patrimônio cultural, guarda de documentos antigos e históricos, dentre outros.

No intuito de desenvolver esses trabalhos da pré-fundação do Instituto, uma comissão foi criada a fim de dirigir os trabalhos iniciais.

Durante a assembleia, foi apresentado minuciosamente para apreciação e aprovação, o Estatuto do IHGR que contém todas as normas fundamentais da entidade. Ficou decidido fazer outras reuniões nas quais será organizado o Regimento Interno. Conforme orienta o estatuto, foi feita a constituição de chapas, sendo apenas uma formada e que foi

colocada para apreciação e votação. Assim foram eleitos os seguintes membros para compor a Diretoria do Instituto: Diretor-Presidente, Otávio Vieira; Vice-Diretor, Humberto Rezende; Secretário Geral, Frederico Santos; Secretária Adjunta, Chimenne Resende; Diretora Financeira, Anakelly Santos e Diretor Financeiro Adjunto, Henrique Guimarães.

Marcus Santiago



Vida cotidiana no interior das Minas Gerais no período colonial

A vida simples das antigas localidades de Minas e a falta de recursos deste remoto tempo faziam com que parte da população das vilas, arraiais e distritos tivesse quase os mesmos hábitos e costumes. Algumas famílias possuidoras de grandes bens desfrutavam de um conforto e um prestígio frente aos que não os possuíam.

A maioria das casas e casarões não possuía muitos haveres. Tudo era construído de acordo com o poder aquisitivo das famílias. As residências mais simples e pobres eram construídas de pedras, madeiras e tijolos de barro. Na sala às vezes tinha um banco, uma mesa, uma bacia de barro, que era colocada água para oferecer aos visitantes. Nos quartos, um velho baú de madeira para guardar as "roupas de festas", uma cama, uma mesa grande com bacia e jarro para o banho e uma lamparina. Na cozinha, o velho fogão de lenha (com algumas panelas de ferro e nas quais passava-se barrela para não queimar demais), um armário (com latas de mantimentos e carne na gordura), uma grande mesa com cadeiras e um banco para empregados e agregados se assentarem, quando fossem convidados, para se alimentarem com os patrões. As famílias com posses tinham uma casa com mais conforto: boas camas, guarda-roupas, sofás, véu protegendo as camas contra insetos, e banheiro. Esses, sim, podiam descansar, receber amigos e convidados para pernoitarem.

Em ambas as condições financeiras as famílias possuíam quintais e hortas com vastos pés de frutas, plantações de hortaliças e flores. Criavam-se galinhas, porcos engordados com restos de comidas e raspas de mandioca. Alguns trabalhavam em casa com teares, bordados, crochês, etc. As mulheres pobres trabalhavam para as senhoras ricas nos serviços domésticos de faxina, pajem de crianças, lavagem de roupas nas bicas, faziam sabão "preto", "arrumavam porcos", cozinhavam, faziam biscoitos... Os homens, sobretudo, os escravos trabalhavam duramente nos serviços do moinho de grãos na moenda de cana-de-açúcar, bateamento nas lavras de ouro e em serviços da agricultura e pecuária.

Muitas coisas para a sobrevivência se produziam na localidade ou os donos de mercearias conseguiam para a população através dos viajantes, tropeiros, vendedores, como: temperos, tecidos, linhas, sal, objetos para uso diário. Quando não compravam trocavam por algo que produziam com fartura.



Naquela época, poucas coisas se compartilhavam. Repartiam-se carnes (quando se matava porco) e biscoitos (quando se fazia), mas somente se fossem vizinhos próximos ou se algum tivesse dado quando fez em sua casa, caso contrário não!

As vezes em que as famílias se encontravam, era quando participavam das missas nas igrejas principais ou quando convidadas a ajudar na limpeza, organização e ornamentação do templo para as festas religiosas ou sacramentais (batizado, crisma, casamento ou sepultamento). Nesse momento tentava-se reduzir as desigualdades sociais. Mas havia as irmandades dos brancos e negros que lutavam pelos direitos da classe.

Num momento de enfermidade, a cura ou o alívio das doenças



vinha dos chás caseiros e benzeções. Não se internava em hospital, pois esse não existia. Ficava em casa aos cuidados da família e de pessoas entendidas e com grande prática em medicina. No momento de ganhar os filhos, algumas mulheres tinham o parto complicado, que nem as parteiras davam conta, com isso, muitas vinham a falecer. Os filhos, quando nasciam com sequelas, eram rejeitados ou não tinham a mesma atenção que outros. Para algumas famílias, tornava-se um incômodo.

Havia um pouco de silêncio nas vilas e os comunicados eram noticiados pelos sinos da igreja. Com as suas badaladas na comunidade, logo se decodificava o que estava acontecendo, mas sempre informando algo de famílias fidalgas e ricas, como nascimento de seus filhos, morte de pessoas ilustres, tipos de celebração que aconteceriam, chamando para a missa cotidiana...

Nas vilas, arraiais e distritos de Minas, no período colonial, os casamentos na Igreja era um jeito de preservar o modelo de família legítima e, para o Estado, uma possibilidade de controlar a população e combater o concubinato e as uniões não oficializadas. Assim, o casamento perante a sociedade dava a condição de segurança e dignidade às pessoas diante da instituição de ser uma família. As festas de casamento tornavam-se singulares na vida do casal. Além



da bela cerimônia, dos presentes artesanais, os alimentos comuns da festa eram almoço ou jantar com direito a muitas iguarias de carnes, bebidas, licores caseiros de frutas de temporada, doces e vez ou outra café com biscoitos.

Nesta época, determinados jovens eram prometidos em casamento, a filhos ou filhas de outros senhores da comunidade, pois visavam apenas ao interesse pelos bens que os outros possuíam. Quando havia contrariedade, alguns homens ou mulheres acabavam se encontrando e relacionando-se secretamente, de forma a não serem descobertos, sobretudo, quando o cônjuge saía para trabalhar ou viajar. Com isso, era uma maneira dos casais continuarem vivendo o amor proibido e não perder o contato. Nessas traições aconteciam mortes, quando descobertas, castigo para as esposas, filhos não legítimos, separações, pagamento de dotes às famílias de cujas filhas tinham perdido a honra. Havia maridos que saíam à noite para se divertirem fora do convívio familiar; nas tabernas e bodegas com mulheres de vida fácil (como se dizia) ou com os amigos em jogos de baralhos, conversas de negócios e bebedeiras.

As comadres e amigas sempre se visitavam. Não era preciso marcar os encontros, essas relações de proximidades aconteciam comumente. As pessoas mais ricas se reuniam sempre para conversar, trocar ideias e degustar deliciosos petiscos, festejar algo ou para tomar vinhos e licores, que eram produzidos no lugarejo.

Marcus Santiago

VICENTE MENDES UM EMPREENDEDOR

O cidadão, o líder, o empresário.

Estas considerações não querem focar o político, na essência de sua vocação e de sua trajetória.

O desejo é recordar e reverenciar aquele que, por décadas, com suas falhas e limitações, mas, com sua humanidade e liderança, serviu ao povo desta terra e de toda a região.

Foram anos e anos que, mantendo em São Tiago sua empresa, seu comércio, saía pelas estradas empoeiradas ou lamacentas, esburacadas ou encascalhadas, a levar e a buscar gêneros alimentícios, medicamentos, passageiros e notícias.

Esta fase antecedeu aos caminhões leiteiros, que também muito serviam a este transporte.

Caminhões eram quase que só os do Sr. Vicente Mendes. Linhas de ônibus ainda não existiam para interligar esta cidade com as cidades vizinhas.

Tudo era muito difícil, mas os caminhões de Vicente Mendes não paravam.

Estes levavam aos fazendeiros e sitiantes as compras que os mesmos lhe encomendavam na viagem anterior ou através de bilhetes enviados ao seu estabelecimento comercial na cidade, chamado “Casa Central”, ou popularmente: Armazém do Vicente.

Em cada viagem, comprando aves e ovos dos produtores rurais, levava-lhes toda sorte de encomendas que lhe eram feitas, bem como notícias de parentes e amigos.

Não raras as vezes que transportava, da zona rural, pessoas com fins de negócios ou com problemas de saúde.

Transportava para São João del Rei e Bom Sucesso, em seus caminhões, doentes que lá iam se tratar.

Outro grande favor que este cidadão/empresário prestou, a várias famílias foi o de transportar para São João del Rei fezes e urina para serem analisadas em laboratórios daquela cidade.

Era ele também que trazia, na data combinada, o resultado dos exames.

E o transporte de mudanças? Lá estava algum caminhão do Sr. Vicente a fazê-lo.

Como me recordo, e quanto doía meu coração, ao ver aquele caminhão levar para Belo Horizonte a mudança da família do Sr. José Ica. Vizinhos, amigos e colegas de infância que se iam.

Recordo-me ainda a gratidão que o Sr. José Ica nutriu, pelo resto da vida, ao Sr. Vicente, pela boa vontade e interesse com que lhe prestou este serviço. Caminhões que levaram amigos, parentes para longe daqui, mas que muitas vezes trouxeram outros que, aos poucos, iam também se tornando amigos e companheiros de nossa caminhada.

Ah! Esses caminhões, muitas vezes, transportam os times de futebol que, em tempos remotos, era a grande expectativa para os finais de semana, aqui e nas cidades vizinhas.

Tupinambás foi sempre a sua paixão. Com paletó jogado no braço, ele aparece em tantas fotos do seu amado time.

Vicente – homem alegre e festeiro.

Levava a Banda de Música às festas da região. Transportava-a nas alvoradas das festas de julho e de agosto pelas ruas da cidade. A Prefeitura, naquela época, não tinha um caminhão sequer.

Vicente José Mendes

Grande empresário e líder político local nasceu em São Tiago em 18/06/1910, falecendo em 09/09/1994. Filho de José Hemetério Mendes e D^ª Maria Trindade de Lucas.

Ao ensejo de seu 20^º aniversário de falecimento, a comunidade presta-lhe a mais renhida homenagem, dados os relevantes serviços por ele prestados à população local e regional, em particular às pessoas mais humildes que se utilizavam dos veículos e caminhões de sua propriedade para viagens, mudanças, emergências (exames, doenças).

Época em que não havia sistema de telefones, de transporte coletivo, de atenção do Poder Público na área da saúde.

Vicente a tudo supria.

Sobre este marcante vulto de nossa história, ver matérias em nossos boletins n^ºs XXII – julho/2009; XXIV – setembro/2009; XLIII – abril/2011; LXIV – janeiro/2013; LXIX – junho/2013.



Década de 50, esta lembrança não falha, eram enormes as barras de gelo trazidas envoltas em serragens de madeira, dentro de sacos de aniagem para suprirem as necessidades dos laticínios locais.

E as festas? Inaugurações, posses de prefeitos, comemorações?

Lá estava o Sr. Vicente, ao lado de outros cidadãos e, muitas vezes, ao lado do vigário para planejar as festas, os banquetes a serem servidos (para o que sempre contava com a determinação e bom gosto de sua esposa).

Vicente foi um homem que amou esta cidade.

Que serviu a muitas gerações de jovens que estudavam fora.

Que incentivou o esporte e a dança.

Trouxe o progresso e o levou às cidades vizinhas, pois era o transporte garantido para nos trazer a geladeira comprada, a máquina de costura, o arado, o carrinho de mão, a bicicleta, etc.

Mais tarde, colocou uma linha de ônibus para São João del Rei com a sua histórica jardineira.

Seu comércio, “Armazém do Vicente Mendes”, era verdadeiro Shopping, vendia de tudo, desde alimentos, material de construção até o material para confeccionar o caixão, também necessário. Não se vendia urna funerária em São Tiago e caixão era feito sob medida.

Anos mais tarde, o Armazém do Sr. Vicente tornava-se também a primeira funerária da cidade. Lá estavam as mais diferentes urnas, para prestar mais este serviço à sua terra.

Homem alegre, de decisão e de bravura, um trabalhador incansável que não suportava ver ninguém à toa.

Do seu jeito, dos seu modo, fazendo política, trabalhando, servindo, vestindo-se sempre a rigor, tendo e camisa de mangas longas, o paletó jogado ao braço (nos momentos quentes), mas nunca, sem portar os eu paletó, ia e vinha o Sr. Vicente Mendes dando-nos o exemplo do trabalho constante e do servir ao outro, principalmente nos momentos da doença e do luto.

Um são-tiaguense a ser lembrado...

*Maria de Lourdes Rezende (Cairu)
Curadora do Memorial Santiaguense
14/03/2014*



GABRIEL MENDES DOS SANTOS

Notável jurista, filólogo renomado, homem cultíssimo, Gabriel Mendes dos Santos nasceu em Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis) em 1795. Batizado, neste ano, na Capela de Santa Rita, tendo como padrinhos André Mendes e Genoveva de Almeida e Silva. Exerceu inúmeras atividades profissionais e as mais relevantes funções públicas, das quais se desincumbiu com total probidade, dedicação, talento e grandeza.

Formado em Direito pela Universidade de Coimbra. Casado com D^a Ana Isabel Santos Fonseca, natural de Diamantina, filha do Sargento Mór João Batista da Fonseca e D^a Ana Luiza de Paula Pimenta. D^a Ana Isabel faleceu no Rio de Janeiro em 1892, seu testamento foi redigido em 02/04/1864 e aberto em 08/03/1892, com a declaração de que o casal não teve filhos.

Gabriel Mendes faleceu em 31/05/1873 em São João del-Rei.

Intendente dos Diamantes (1823); Juiz de Fora da Vila de Santos; Jornalista, editor do jornal “A Ordem” que circulou em São João del-Rei; Corregedor e Ouvidor Geral da Comarca do Rio das Mortes (1830/1832). Juiz de Direito de São João del-Rei, nomeado pela Carta Imperial de 04/10/1832. Nomeado Desembargador da Relação do Maranhão em 20/07/1840.

Como político, foi deputado à Assembleia Provincial (hoje Assembleia Legislativa) e deputado à Assembleia Geral (hoje Câmara dos Deputados) entre 1832 a 1851, ocupando lhe a presidência na legislatura 1850/1851 (período de 02/01/1850 a 13/08/1851) a 8^a do Império. Exerceu ainda as funções de Senador do Império, entre 1851 a 1873, para tal empossado em 13/08/1851 na vaga do célebre conselheiro Bernardo Pereira de Vasconcelos. Abolicionista convicto, lutou pela emancipação dos escravos e sob a sua presidência, a Assembleia Geral aprovou, em histórica sessão em 1850, a Lei Eusébio de Queiróz, que pôs fim legal ao tráfico negreiro.

Oriundo de tradicional família da região, filho de Tomás Mendes ⁽¹⁾ e Juliana Maria Almeida. Seu pai era poderoso senhor de terras, escravos, gado, lavouros, benfeitorias, gozando de grande reconhecimento social, com um filho (Gabriel) graduado pela célebre Universidade de Coimbra, outro sacerdote (José) ⁽²⁾ e as filhas quase todas consorciadas com homens do mais alto padrão social e poder econômico da época.

NOTAS

(1) *Thomás Mendes era casado com Juliana Maria de Almeida, (ela filha de Manoel Coelho dos Santos e de D^a Genoveva de Almeida e Silva, todos moradores em Santa Rita do Rio Abaixo), enlace realizado na Capela de Santa Rita, em 08/02/1779, tendo como padrinhos Manoel Coelho dos Santos e André Esteves. Manoel Coelho dos Santos era português de Évora, falecido em 1785, tendo constituído consideráveis bens no Brasil.*

Thomás Mendes era também português, natural da Freguesia de Sampayo de Fam, Conselho de Barcelos, filho de Domingos Mendes e Domingas Francisca.

Deixou vários filhos, além de Gabriel Mendes e Pe. José: a) Ana Joaquina de Jesus (casou-se em 1815, aos 28 anos, com Jerônimo José Rodrigues; veio a falecer em 1817, tendo então o viúvo Jerônimo casado com sua cunhada: b) Antonia Maria Assunção, irmã de Ana Joaquina: c) Tomás (ou Ananias) Mendes dos Santos casou-se em 1810 com sua prima Francisca Cândida Castro, filha do Ten. Francisco Coelho Santos; d) Laureana Maria de Jesus de Nazaré, casou-se com o Cel. Luis Manoel Sousa Caldas; e) Francisco Mendes de Almeida e Silva.

Thomas Mendes faleceu em 02/08/1823. Seu testamento foi redigido em 12/11/1821 em sua morada a Fazenda Engenho do Rio do Peixe. (ver nota II no box Curiosidades).

(2) *O Pe. José Mendes dos Santos, batizado na Capela de Santa Rita em 16/08/1784. Segundo informações/pesquisas do historiador Marcus Antonio Santiago, já em 1824 era capelão da Capela Curada de São Tiago, tendo acompanhado a transferência da capelania filial da paróquia de Nossa Senhora da Penha de França da Lage (atual Resende Costa) para a nova freguesia de São Tiago. Foi ele o 1^o pároco de São Tiago, aqui atuando durante quarenta e quatro anos, ou seja de 1824 a fevereiro de 1868, ano de seu falecimento. Foi sepultado no interior da antiga Matriz de São Tiago, que viria a ruir parcialmente em 1891.*

Igualmente, a seu respeito, a historiadora Silvia Maria Jardim Brugger em sua obra “Minas patriarcal: família e sociedade”, pág. 265, afirma sobre o Pe. José Mendes dos Santos: “...em 1831/1832 vivia no distrito de São Tiago, filial da freguesia de São José del Rei, tendo 47 anos e em posse de cinco cativos”.

CURIOSIDADES

I - No inventário do poderoso comerciante Comendador Francisco de Paula Almeida Magalhães, que tinha imensos e intensos negócios em São João del-Rei e Rio de Janeiro, Gabriel Mendes dos Santos aparece como credor com a quantia de 9:324\$154. O Comendador era pai dos também fortes empresários, o Cel. Sabino de Almeida Magalhães e o Comendador Custódio de Almeida Magalhães

(Fonte Cintra)

II – Em testamento de Thomás Mendes, datado de 1821, consta "...e pedi ao Padre Manoel Coelho dos Santos que este por mim fizesse e eu depois de o ler me assinei nesta Fazenda de minha morada, Ingenho do Rio do Peixe, 12 de Novembro de 1821.

Thomas Mendes'

A Fazenda Rio do Peixe, com sede nas divisas entre Resende Costa e São Tiago, aparece posteriormente como propriedade do casal Alferes José Jacinto Rodrigues Lara e D^a Ana Maria de Almeida Lara. D^a Ana Maria era filha do Capitão Joaquim Pinto de Góes e Lara, casado com D^a Ana Maria de Almeida, esta irmã de D^a Genoveva de Almeida e Silva, sogra do supracitado Thomás Mendes. Portanto, ao que se deduz, por ligações e negócios familiares, a Fazenda Rio do Peixe que era propriedade de Thomás Mendes passa a pertencer ao Alferes José Jacinto Rodrigues Lara.

O casal Alferes José Jacinto Rodrigues Lara e D^a Ana Maria de Almeida Lara tiveram três filhos:

- I – Joaquim Pinto Rodrigues Lara, casado com D^a Maria José de Resende Lara, sua prima, filha de Antonio Pinto de Góes e Lara e de D^a Mafalda Cândida de Rezende (Joaquim Pinto viria a herdar a Fazenda Rio do Peixe, vendendo-a em 1879 ao Cel. Antonio Carlos de Oliveira).
- II – Francisco de Paula Pinto Rodrigues Lara, casado com D^a Francisca Cândida de Resende Lara, sua prima.
- III – José Jacinto Rodrigues Lara casado com D^a Maria Luiza de Campos Lara. No inventário dos bens do Alferes José Jacinto Rodrigues Lara realizado em 1862, a Fazenda Rio do Peixe assim é descrita: "A Fazenda Rio do Peixe calculada em oitocentos e sete alqueires, sendo duzentos e trinta e sete de capoeiras e matas virgens e quinhentos e setenta de campos, avaliados os campos a trinta mil réis, cento e vinte e dois alqueires de cultura (fls.7) Culturas e matos virgens tapadas, avaliadas a cinquenta mil réis e cento e onze alqueires de culturas abertas a quarenta mil réis, que tudo importa na quantia de vinte e sete contos, oitocentos e quarenta mil réis 27:840\$000. As casas de vivenda da dita Fazenda do Rio do Peixe com casas de despejo, paiol, senzalas, ranchos de porcos, rancho na estrada, muiho digo muinho e monjolo, tudo coberto de telhas, olaria, engenho de pilões e de cana, incluídos quatro tachos, dois alambiques, três espumadeiras e rominóis, tudo de cobre, formas, caixas e maceiras de farinha e todos os mais pertences, quintaes com arvoredos, currais cercados de pedra, avaliado tudo por seis contos e cem mil réis – 6:100\$000".

"PESCÔCIM"

Portador de peculiar característica anatômica, pescoço curto praticamente acoplado à cabeça, era conhecido pelo apelido "Pescocinho", que com o tempo e uso, ganhou a forma apocopada "Pescocim". Aliás, de uso distanciado, pois aí de quem lhe proferisse o abominado apelido de perto. Uma briga daquelas!

Gostava de uma pescaria. Pescada, como ele dizia. Varinha na mão, isca à base de minhocuçu, ia ele, geralmente à tardezinha, em suas andanças pelos córregos próximos. Certo cidadão, ali do bairro, que o vira pescar na tarde anterior, comenta numa roda:

- La vem nosso amigo. Vou chama-lo pelo apelido e ele nada poderá fazer ou falar...
- Como ?! Cuidado que ele "te" agride aqui em público...
- Deixa comigo...

Recém chegado se aproximando, o morador sapeca:

- E aí, amigo, você pescou ontem ?!
- Não tô lembrado...
- Ora, eu te vi chegando com uns baitas lambaris, Pescôcim!...

CREDO (de um black bloch)

Creio em Deus-Pai Todo Poderoso.
Inabalavelmente creio. Como na sua misericórdia creio.
E, como todos cremos, creio que Deus seja brasileiro.

Seguro de minha fé,
Nestes esplendorosos dias da “Copa das Copas”,
Volto o pensamento para os 300.000 compatriotas
Que se locupletam com fartos 70 reais por mês,
Somados aos ainda não calculados “pedintes” (odioso pejorativo!),
Que de dia, prazenteiros, vagueiam por nossas frondosas avenidas
E de noite, quais anjos, sob perfumados viadutos se refestelam.
Seguro de minha fé, repito,
Creio que a Magnanimidade Divina,
Como infalivelmente veio fazendo até aqui,
Diante de mil situações outras,
Há de lhes vedar os olhos
(isso, se, mais amorosa, de todo não os cegar)
Para que não vejam os bilhões de reais gastos
Na construção de estádios no Oeste, Centro e Norte,
Estádios esses que, finda a copa, na sina dos Engenhões da vida,
De Elefantes Brancos se haverão de chamar.
Mas, sempre inabalável em minha fé,
Creio que Deus-misericórdia pura,
Se não lhes vedar os olhos para tais “desmandos”
(linguagem ousada de impatriotas empedernidos!),
Pelo menos haverá de convencer esses “párias”
De que, mal findo o glorioso certame,
Brasília, Cuiabá e Manaus
Se abundarão de equipes de futebol
Que às do Sul Maravilha amarga inveja haverão de causar.

Sedento de Deus, minha crença aí não para.
Creio, tanto quanto creio na dureza das pedras,
Que, por simples efeito do infinito amor do Onipotente,
As 10.000 professoras primárias necessárias
Para ganhar o que por mês ganha Neymar
Humildemente entenderão que o seu ideal de
Educar-por-um-Brasil-melhor
Nada é perto da grandeza das chuteiras,
Irrelevante se mostrando que os pés que as calçam
Pouca instrução conduzam e de nenhum ideal de pátria se vistam.
Mais: se o que nos alimenta os dias é a meta do gol,
Que importa sermos o paraíso das favelas?
(ora, se, chegando ao Rio, em 1943,
o genial cineasta Orson Welles se horrorizou
ante o número de favelas que ali havia, 3 ou 4,
é porque o seu gênio não sabia o que era progresso:
hoje elas chegam, acredite, Deus, à casa dos 1.000).

Fé, fé e fé.
Juro, como juro que as estrelas do céu lá estão a brilhar,
Que o Absoluto, no seu eloquente magistério,
Haverá de convencer os mesmos “párias”
De que não passa de grande estultice
A pretensão de sermos campeões de combate à criminalidade
(afinal, que representam meros 57.000 assassinatos anuais
diante dos 199.943.000 brasileiros que nos restam,
isso, sem contar os que a cada santo dia nascem,
sendo ainda que, se há crimes neste país, de quem é a culpa
se não da sociedade ou das próprias vítimas?)

E qual a razão da imbecilidade,
Por tantos com tanto ardor tão perseguida,
De nos livrarmos da “pecha” de aqui abrigarmos
Os piores presídios do mundo,
Se só o pavor do medievalismo das masmorras
É que afugenta o homem de bem das sendas do delito?

E essa busca desvairada da taça de melhores combatentes do anal-
fabetismo?
Por que levantá-la, Senhor, se os senhores analfabetos,
Felizes beócios,
Não padecem os tormentos de espírito
Que padecemos nós outros, os inditosos cultores do saber?

De que servirá a obsessão desses ilusórios troféus, Deus nosso,
Se na Pátria das Chuteiras o caminho da felicidade é, e só é,
A bola nas redes?
(é gol, é gol! é gol de placa! e é no Maraca! Brasil!, zil!, zil!, zil!).

Finalmente,
Sem jamais descer à pobreza ignominiosa da descrença,
E visando apenas a não empanar o brilho do torneio
E à glória sempiterna do já certo Hexa,
Confio ao Altíssimo duas últimas crenças:
– Primeira: creio que Ele fará que todos os políticos de expressão
E toda a grande mídia, máxime a televisiva,
Como sempre religiosamente fizeram,
Seguirão firmes, porque admiravelmente patriótico,
No seu oceânico silêncio
Sobre os desvios, as mazelas e as aberrações
Que estão na alma do futebol brasileiro,
O qual, diga-se de raspão, jamais e em tempo algum
Foi instrumento de alienação
(pensar em imbecilização, que absurdo!)
Da altaneira gente destas plagas;
– Segunda: assim como, com rematada sabedoria,
Se logrou revogar a lei que proibia ingerir álcool nos estádios
(eternos agradecimentos da Brahma e confrades),
Assim também, por equidade, creio que o Amantíssimo
Fará com que a Justiça dos homens venha a absolver os bebuns
(acaso foram eles, foram, os revogadores da lei???!?!)
Que, após cada jogo, de regresso ao aconchego do lar,
Na vibração da vitória ou no desatino da derrota,
Sigam as vias públicas atropelando e matando os reles pedintes
E, de lambuja, nossos incautos filhos.
Amém!

(junho de 2014, véspera da Copa do Mundo)

FOTO MONTAGEM



Centro de São Paulo.
Placa conduzida por
um morador de rua.

Colaboração: Dr. Messias Natalino Santiago

Chá da Amizade Homenageia a “Mulher Cidadã”

No dia 30 de maio, aconteceu o evento “Chá da Amizade”, promovido pelas Senhoras da Casa da amizade, que contou com a participação de algumas senhoras da comunidade são-tiaguense. Entre as participantes do evento foi homenageada com o título de “Mulher Cidadã” a Sra. Elena Lopes de Resende Martins, a quem coube o destaque da Mulher do ano em nossa comunidade, pelo trabalho desenvolvido frente às obras sociais realizadas em prol de todos. Exercendo, assim, o grande papel de servir a municipalidade.

Na oportunidade, ouvimos as sábias palavras do Sr. Carlos Muffato Calsavara, militar reformado do Exército, formado em psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/MG, membro fundador do Núcleo de Leitura em Psicanálise e são-tiaguense de coração.

Gestão: 2013/2014

Presidenta da Casa da Amizade: Adriana N. M. P. Campos



Qual o papel da mulher na sociedade atual

Há cerca de um mês, Auxiliadora e eu fizemos uma visita aos tios e amigos Leda e Raul, ocasião em que recebi o honroso convite para fazer uma homenagem às rotarianas pela passagem do dia da mulher. Minha vontade primeira foi de agradecer e recusar, mas não tive coragem. É muito difícil dizer não a um pedido da tia Leda, porque ela tem um jeito tão especial e delicado de colocar as palavras, que o mais simples pedido se nos impõe com uma necessidade de acatamento. Por outro lado, Auxiliadora reforçou o meu dever de aceitar, e eu não tive alternativa.

O fato de não pertencer aos quadros da Instituição aumenta minha responsabilidade, por desconhecer seus estatutos, objetivos e costumes; esta preocupação esteve nas minhas reflexões.

Quando comecei a pensar no que falar, entendi que minha incumbência não era fácil; afinal, como homenagear esse ser que está no princípio da vida humana, que é condição essencial para que a vida se manifeste, e que, com uma pequena ajuda do homem, se coloca tão próxima de Deus na sua função criadora ao gerar e gerar uma vida? Que situações, que contextos, que aspectos da sua natureza, que circunstâncias de sua vida devo escolher para abordar aqui, já que ela, a mulher, está presente em todas as formas e ocasiões em que a vida humana se manifesta? Como tocar o coração desta criatura que consegue harmonizar virtudes tão diversas, distintas e extremas? Que consegue ser dura e forte para trabalhar pesado, todos os dias do ano e, ao mesmo tempo, ter a sensibilidade aguçada para perceber situações as mais sutis e responder a elas com delicadeza e equilíbrio?

Naturalmente, não é minha intenção dirigir à mulher apenas como gênero, considerado do ponto de vista das características biológicas, do aspecto ou forma corporal, da sua fisiologia. Com as minhas limitações – que são muitas – quero pelo menos me aproximar dessa criatura que, real ou idealizadamente, representa a sensibilidade, a delicadeza, a afetividade, a intuição, a força na fragilidade, a beleza que captura os homens, a devoção e dedicação ao lar e à família.

Para dar conta do meu compromisso decidi buscar ajuda em pessoas notáveis, que se destacaram pelo conhecimento profundo da alma humana e a primeira delas que me ocorreu foi Jesus Cristo. O que Ele teria pensado ou dito sobre a mulher? Três situações vieram logo ao meu pensamento: numa delas, a multidão se preparava para apedrejar uma mulher apanhada em adultério, como era o costume bárbaro da época, tempo em que, à mulher só cabia obedecer, trabalhar e procriar. Jesus intervém com sabedoria e sensibilidade, dizendo para atirar a primeira pedra aquele que nunca tivesse errado. Ele sabia, como nos afirma São João em seu evangelho, que a letra mata o espírito, por isso não permitiu que a lei prevalecesse sobre a caridade. Ele conhecia o que estava no coração daquela mulher e não podia permitir que se punisse daquela forma cruel o descaminho a que o amor pode levar.

Na outra cena que me ocorreu, Jesus estava hospedado na casa

das irmãs Maria e Marta, quando esta vem reclamar que Maria não se dispõe a ajudá-la nos trabalhos da casa, ao contrário, fica na sala ouvindo as palavras do Mestre. Jesus responde que Maria está certa porque escolheu o melhor para ela, demonstrando conhecer a fundo a alma feminina, sempre sensível a uma palavra bem dita.

Por fim, veio-me à lembrança a passagem das Bodas de Caná em que Maria, a mãe de Jesus, o incita a transformar a água em vinho. Gosto particularmente desta cena porque ela realça a característica muito própria das mulheres de estarem atentas ao ambiente e se envolverem e solidarizarem com as dificuldades e aflições das outras pessoas.

Outra figura notável que me veio à mente foi Sigmund Freud, o criador da Psicanálise, cuja criação deveu fundamentalmente às suas entrevistas com as mulheres histéricas que, no final do século XIX, eram confinadas nos porões dos hospitais psiquiátricos. Freud escreveu centenas de textos sobre o inconsciente, sobre o que há de mais profundo no ser humano, mas morreu deixando sem resposta uma pergunta que o acompanhou sempre: o que quer uma mulher? Para mim isto significa que os desejos da mulher são insondáveis. Ela pode conhecer suas necessidades, suas vontades, seus sonhos, suas intenções, seus projetos; mas há uma região nebulosa da sua alma a que nem ela mesma tem acesso direto, apenas indicações imprecisas através das suas demandas.

Mas Freud não nos deixa perdidos nessa busca para conhecer um pouco da alma feminina. Ele já havia percebido que os escritores criativos e os poetas eram capazes de, através do texto, bordear o núcleo do inconsciente e aproximar um pouco das questões da mulher.

Decidi seguir nesta direção mas, mesmo assim, fiquei confuso; por onde começar ou que aspecto escolher nessa multiplicidade infinita de abordagens e situações de que já falei no início?

Pensei primeiramente nas mulheres antigas e anônimas e me lembrei das Mulheres de Atenas - em cujo exemplo o poeta sugere que as outras se mirem – mulheres que choram, que vivem, sofrem, despem-se, geram, temem por seus maridos, bravos guerreiros de Atenas. Destas, meu pensamento deslizou para as mulheres de Aristófanos, que há dois mil e quatrocentos anos, fizeram greve de sexo para forçar atenienses e espartanos a estabelecerem a paz e com isso terem seus maridos de volta, porque eles não saíam dos campos de batalha. Ainda desta época, lembrei-me de Antígona, filha de Édipo, que levou às últimas conseqüências sua decisão de dar ao irmão Polínicos um sepultamento digno e para isso desafiou as ordens do tirano Creonte, rei de Tebas e seu tio, que havia determinado que o corpo permanecesse



insepulto.

Dando um salto de 500 anos de história, lembrei-me das mulheres do Novo Testamento, e me decidi por duas, para salientar a diferença de caráter que as conduz a atitudes tão opostas: a mulher de Herodes que pediu a cabeça de João Batista e Maria Madalena, que conquistou o coração de Jesus, com atitudes de ternura, obediência e serviço.

Para não me alongar em demasia, vou fazer um corte ainda maior e chegar na modernidade. É difícil escolher a quem homenagear, mas é preciso. Pensei nas mulheres cantadas pelo Chico e outros compositores, que são tantas. Entre as anônimas, lembrei daquelas “que só dizem sim; por uma coisa à toa, uma noitada boa, um cinema, um botequim...”; pensei ainda na mãe do “meu guri”, moradora de um barraco no morro que, ingenuamente, fica admirada com os presentes que ele lhe traz: correntes de ouro, pulseiras, relógios, gravadores e, no seu amor maternal, supõe que o filho tem um bom emprego.

Entre aquelas que são nomeadas, pensei na “Rita que levou meu sorriso, levou os meus planos, meus pobres enganões, os meus vinte anos, o meu coração” e logo fui tomado por “uma saudade da Amélia, aquilo sim é que era mulher; Às vezes passava fome a meu lado... Amélia não tinha a menor vaidade... Amélia que era mulher de verdade”. Lembrei-me também da Geni, tão discriminada e estigmatizada pela sociedade preconceituosa, conservadora e reacionária – “...joga pedra na Geni, ela é feita prá apanhar, ela dá prá todo mundo, maldita Geni” – mas quando a cidade apavorada e ameaçada pelo comandante do Zepelim foi, em romaria, beijar a sua mão, Geni mostrou sua grandeza de alma, entregou-se ao sacrifício e salvou aquele povo hipócrita, que não merecia qualquer consideração. Como contraponto, me veio à lembrança a Aurora, a quem o pretendente oferecia “um lindo apartamento... ar refrigerado... madame antes do nome... e pedia apenas que ela fosse sincera, o que, parece, não estava nos seus planos.

Na seqüência, fui tomado por lembranças de mulheres na janela. Logo me veio a imagem das amantes dos coronéis das fazendas de cacau, descritas por Jorge Amado, com os cotovelos na janela apreciando o movimento da rua, quando os patrões estavam ausentes, ansiando por um flerte com algum rapaz mais novo. Depois pensei na “moça feia que debruçou na janela, pensando que a banda tocava prá ela”. Também não podia me esquecer que “toda gente homenageia, Januária na janela e até o mar faz maré cheia prá chegar mais perto dela; e ela faz que não dá conta da sua graça tão singela...” Como não falar também daquela “...moça descuidada, com a janela escancarada, quer dormir impunemente. Ai, quanta maldade a dessa moça, e que aqui ninguém nos ouça, ela sabe enfeitiçar...”

Quis também homenagear as mulheres tristes e sofredoras e me lembrei que a “Carolina, nos seus olhos fundos, guarda tanta dor, a dor de todo esse mundo”. Ainda me lembrei do atributo da beleza, tão valorizado pelos homens e buscado por elas mesmas; para isso pedi ajuda ao Vinícius com sua garota de Ipanema: “Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça...”

Vocês percebem que para evitar constrangimentos optei por figuras femininas imaginárias. Naturalmente que um texto dessa natureza e com o objetivo deste, caberia a citação de mulheres verdadeiras que deixaram seus nomes na história universal, nacional ou das comunidades em que viveram e atuaram, por seus trabalhos, suas lutas, sua determinação, sua resistência, sempre direcionados para o coletivo, para o comunitário, fugindo do individualismo mesquinho. E são muitas que se enquadram nesse critério. Sou tentado a citar pelo menos um nome e penso em Madre Tereza de Calcutá que, estou certo, é unanimidade.

Com os fragmentos que pincei, convido-os a transformá-los em pinceladas numa tela onde formaremos a imagem da mulher que queremos homenagear, uma mulher humana, de carne e osso, com virtudes e defeitos, que se alegra com a sua condição feminina, que

encontre na falta fundamental a força para o trabalho e dinamismo, que transite com altivez no mundo dos homens, mas tenha também a maciez, a doçura, a ternura da feminilidade.

Preparei essa fala para ser dita na antevéspera do dia das mães. A elas queria fazer uma homenagem especial e, através delas, das mães, chegar a todas as mulheres. A data da reunião foi mudada, mas eu continuo no meu propósito. Assim, manifesto meu respeito e admiração por essas mulheres que transcendem a sua natureza humana e aproximam a terra do céu quando escolhem ou aceitam como caminho natural a função de mãe, com o que ela tem de sublime, quase divino, mas também de humano, demasiadamente humano, como disse Nietzsche.

Gostaria de abraçar a todas as mulheres que aqui se encontram, mas vou fazê-lo simbolicamente. Vou abraçar Auxiliadora, minha mulher, amiga e companheira, mãe dos meus filhos, que ontem aniversariou. Nesse abraço, abraço também a todas vocês.

Obrigado. Desculpem se me alonguei por demais.

*Carlos Muffato Calsavara
São Tiago, 30 de maio de 2014.*



ALMA DE MULHER

Nada mais contraditório do que ser mulher...
Mulher que pensa com o coração,
age pela emoção e vence pelo amor.
Que vive milhões de emoções num só dia
e transmite cada uma delas num único olhar.
Que cobra de si a perfeição e vive
arrumando desculpas para os erros,
daqueles a quem ama.
Que hospeda no ventre outras almas, dá à luz
e depois fica cega, diante da beleza dos filhos que gera.
Que dá as asas, ensina a voar, mas que não quer ver partir
os pássaros, mesmo sabendo que eles não lhe pertencem.
Que se enfeita toda e perfuma o leito, ainda
que seu amor nem perceba mais tais detalhes.
Que como numa mágica transforma
em luz e sorriso as dores que sente na alma,
só pra ninguém notar.
E ainda tem que ser forte para dar os ombros
pra quem neles precise chorar.
Feliz do homem que por um dia souber,
entender a Alma da Mulher!

(Lucinete Vieira)